

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FACILITADORAS DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TDAH

Ana Cláudia Maria de Oliveira¹
Dayana Priscila Dantas da Silva Lima²
Tícia Cassiany Ferro Cavalcante³

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo investigar as estratégias e recursos utilizados na prática pedagógica para a aprendizagem de crianças com TDAH, identificando as principais dificuldades nas práticas pedagógicas no processo de aprendizagem destas crianças e por fim analisar as contribuições da prática docente, como agente facilitador da aprendizagem. Na pesquisa foi utilizada metodologia qualitativa descritiva, no sentido de considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito pesquisado. Neste caso, participaram desse estudo professoras que tem em sua sala de aula crianças diagnosticadas com TDAH. Nos resultados foi possível perceber que as professoras sabem a respeito do transtorno e tem seus próprios meios de lidar com as crianças com TDAH na sala de aula, mesmo que esse conhecimento não seja aprofundado. Porém, as suas práticas pedagógicas poderiam ser mais direcionadas para as especificidades das crianças, visando uma melhor aprendizagem.

Palavras-Chave: TDAH; Práticas Pedagógicas; Aprendizagem

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é definido como um transtorno neurobiológico, de caráter crônico, cujas manifestações são moduladas pelos estágios evolutivos do indivíduo (MIRANDA-CASAS et al., 2003). Barkley (2002) também define o TDAH como sendo um transtorno do desenvolvimento do autocontrole que afeta a atenção, o controle dos impulsos e o nível de atividade. A partir da década de 80 os estudos sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ganharam visibilidade.

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE.

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE.

³ Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais, CE.

Segundo Barkley (2008) o TDAH é hoje um dos temas mais estudados em crianças em idade escolar. No contexto escolar são observáveis algumas características que compõem critérios clínicos operacionais, tais como:

Dificuldade de prestar atenção a detalhes ou errar por descuido em atividades escolares e de trabalho; dificuldade para manter a atenção em tarefas ou instruções e não terminar tarefas escolares, domésticas ou deveres profissionais; mudar constantemente de uma atividade para outra sem terminar nenhuma; dificuldade em organizar tarefas; evitar ou relutar em envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante; demonstrar suplicio na realização dos deveres de casa, somente conseguindo realizar aos poucos, interrompendo seguidamente o trabalho; fuga de brincadeiras que exijam muita concentração; perder coisas necessárias para tarefas ou atividades; ser facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa e apresentar esquecimentos em atividades diárias (BARKLEY, 2002).

Diante disto, nosso trabalho tem como objetivo geral investigar as estratégias e recursos utilizados na prática pedagógica para a aprendizagem de crianças com TDAH, identificando as principais dificuldades nas práticas pedagógicas no processo de aprendizagem destas crianças e por fim analisar as contribuições da prática docente, como agente facilitador da aprendizagem.

No âmbito escolar, a desatenção, a impulsividade, dificuldade de esperar ser atendido, hiperatividade, superexcitação emocional, problemas nas relações sociais e a desorganização são sintomas que serão perceptíveis na criança, pois é nesta fase que a criança começa a inibir comportamento frente a um comando, ater-se por maior tempo em atividades, tornando-se mais auto controladas; as crianças com TDAH tem este desenvolvimento afetado, havendo prejuízos no ajustamento de varias áreas, tais como, contato social, cognição, expressão de sentimentos, interação, e podem ser confundidos como falta de disciplina e a desatenção, prejudicando o desempenho da aprendizagem destas crianças. Por este motivo, é importante ter clareza para se ter um olhar atento a estas dificuldades comportamentais para que haja uma intervenção escolar precisa, neste sentido, Mattos (2007) vai descrever sobre o desempenho escolar das crianças com TDAH:

A intervenção escolar é muito importante e em alguns casos pode facilitar o convívio dessas crianças com colegas e também evitar que elas se desinteressem pelo colégio, fato muito comum em adolescentes. O problema é a escola participar do tratamento; muitas escolas não apenas desconhecem o TDAH como também não têm o desejo ou possibilidade de participar do tratamento, pelas mais variadas razões” (MATTOS, 2007^a, p. 43).

Neste sentido, devemos considerar que a escola é um espaço no qual as crianças passam boa parte do seu tempo, ela contribui na aprendizagem e desenvolvimento de crianças com TDAH e seus recursos pedagógicos e a prática do professor podem facilitar ou não este processo. Com a demanda inclusiva de inserção de todas as crianças em salas regulares, os docentes necessitam estar cada vez mais preparados para assumirem posturas eficazes de acolhimento e inclusão nas redes de ensino. É importante lembrar que é essa a postura ideal para haver uma intervenção com práticas facilitadoras.

Para um trabalho docente de qualidade o professor precisa compreender o que é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e quais são as características que os alunos apresentam neste quadro clínico. Além disso, a escola deve ser um espaço de promoção de mudanças e descobertas, onde as práticas pedagógicas sejam uma ponte de aprendizagem e desenvolvimento para atender as especificidades de cada educando.

Com efeito, entendemos que o professor e suas práticas pedagógicas, quando facilitadoras, contribuem positivamente no processo de inclusão do aluno com TDAH, ao ambiente escolar, garantindo assim uma formação sólida. Sabendo que neste processo o professor pode encontrar diversas dificuldades, relacionadas com a falta de preparo e conhecimento sobre o transtorno e como direcionar suas práticas pedagógicas, como também os sintomas que são característicos do TDAH, já citados, que podem causar instabilidade na sala de aula.

2. MARCO TEÓRICO

Entendemos que o professor tem uma importância significativa no processo de aprendizagem, pois é ele que acompanha o aluno, medeia o conhecimento e faz parte do processo pedagógico efetivamente, muitas vezes desempenhando a tarefa de adequar os conhecimentos prévios, as

dificuldades e limites dos alunos aos conteúdos curriculares da escola. Em muitos casos de crianças com TDAH, são os professores que orientam os pais à buscarem o diagnóstico para melhor atender as necessidades desta criança.

A falta de informações e o diagnóstico tardio dificulta o tratamento destas crianças, e conseqüentemente interfere no processo de aprendizagem. Por este motivo, Barkley (2002) aponta para a importância de realizar um diagnóstico acertado e precoce, pois assim é possível realizar adequado manejo e tratamento das crianças que apresentavam o transtorno.

Frequentemente, os professores são a primeira fonte de informação para o diagnóstico do TDAH, pois muitos sintomas do TDAH são observados desde cedo na infância, porém são mais percebidos no início da escola. As dificuldades de atenção e de hiperatividade dessas crianças são reconhecidas pelos professores quando comparadas como o comportamento de outras crianças da mesma idade, porém essas crianças podem ser uma fonte de insegurança por parte dos educadores por, nem sempre, terem uma ampla visão de desenvolvimento ou de estratégias pedagógicas que ajude a sustentar a atenção, inibir os impulsos, e que favoreça a aprendizagem da criança com TDAH.

Pode acontecer de professores em sala de aula diagnosticarem, de maneira intuitiva, os estudantes que apresentam padrões de comportamentos que perpassam o TDAH. Alguns estudantes são rotulados como tendo o TDAH, quando na verdade pode ser apenas uma questão de ordem metodológica.

Contrariamente, alguns estudantes com TDAH podem ser negligenciados e vistos como indisciplinados e preguiçosos, apesar de tais comportamentos estarem mais relacionados com uma disfunção neurológica presente no TDAH. Por este motivo é importante que haja formação para professores e profissionais da educação em geral, para que estes sejam preparados para receber estas crianças que apresentam o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na sala de aula, compreendendo suas habilidades e dificuldades.

O diagnóstico do TDAH é fundamentalmente clínico, usualmente apoiado em critérios operacionais de sistemas classificatórios como o DSM-IV-

RTM e o CID-10 (OMS, 1993), com o auxílio de exames neurológicos. O critério do DSM-IV-RTM envolve a análise da frequência, intensidade, amplitude (persistência em mais um contexto) e duração (pelo menos seis meses) da tríade sintomática desatenção-hiperatividade-impulsividade. A desatenção se manifesta por mudanças frequentes de assunto, falta de atenção no discurso alheio, distração durante conversas, desatenção ou não cumprimento de regras em atividades lúdicas, alternância constante de tarefas, além de relutância no engajamento de tarefas complexas que exijam organização.

A hiperatividade caracteriza-se pela fala, movimentação diurna e noturna (durante o sono) de forma excessiva, dificuldade de ficar sentado; enquanto a impulsividade envolve o agir sem pensar, mudança de atividades, dificuldade de organizar trabalhos, necessidade de supervisão e dificuldade do sujeito esperar sua vez em atividades lúdicas ou em situações de grupo. De acordo com o DSM-IV-RTM (APA, 2003) três subtipos do transtorno foram definidos para o TDAH, com predomínio de: (1) desatenção, (2) hiperatividade/impulsividade e (3) combinado.

Assim, é possível um diagnóstico que acuse a presença ou não de hiperatividade. O TDAH Combinado se caracteriza pela presença de seis ou mais sintomas de desatenção e seis ou mais sintomas de hiperatividade-impulsividade. A maior incidência em crianças e adolescentes é do tipo Combinado, não havendo dados acerca dos adultos (APA, 2003). Faraone, Biederman, Weber e Russell (1998) constataram que o subtipo TDAH Combinado apresentava maiores prejuízos funcionais do que os demais, sendo que o subtipo TDAH Desatento exige maior auxílio extraclasse, no que se refere às atividades acadêmicas.

Teixeira (2011) ressalta que o educando com o sintoma de desatenção comete erros por descuido, tem dificuldades em concentrar-se por longo período de tempo ou em atividades que lhe exijam atenção. Além disso, esquece-se facilmente das coisas e, ainda, em dadas ocasiões, não parece ouvir o que os outros falam, bem como não mantém seus pertences organizados. Já a hiperatividade é caracterizada pela forma agitada da criança

se comportar, apresenta dificuldade em envolver-se nas brincadeiras e em brincar em silêncio. Já a impulsividade correlaciona-se à criança que não consegue esperar pela sua vez. Assim, responde às perguntas antes mesmo delas estarem formuladas e intromete-se no diálogo dos outros (ROHDE; BENCZIK, 1999).

Desde a fase denominada de pré-escolar, as intervenções são mais eficazes quando realizadas no próprio contexto escolar, uma vez que as interações grupais, naturais do meio, favorecem a aprendizagem e o domínio do comportamento e das habilidades da criança. O espaço escolar é importante por ampliar as possibilidades de relações sociais em que se configura como uma das primeiras situações instituídas, além da família, a proporcionar experiências e desafios, constituindo-se assim em um espaço privilegiado para o desenvolvimento infantil (CIASCA, 2010).

Segundo Benczik e Bromberg (2003, p. 204):

A escola que melhor atende as necessidades das pessoas com TDAH é aquela cuja preocupação maior está em desenvolver o potencial de cada um, respeitando as diferenças individuais, reforçando os seus pontos fortes e auxiliando na superação dos pontos fracos, pois eles precisam de apoio e intervenção psicopedagógica mais intensos.

Crianças com TDAH podem ter dificuldade no processo de escolarização e apresentam problemas na leitura, na escrita e no cálculo (TONELOTTO, 2003). Também é necessário estar atento para os possíveis desvios de aprendizagem, que normalmente se manifestam já na fase inicial da escolarização, por exemplo, dificuldade na orientação espacial e temporal, dinâmica global, coordenação viso motora, equilíbrio, desorganização, ritmo, habilidades sociais e atraso da linguagem. Neste sentido, métodos pedagógicos que privilegiam a mera exposição de conteúdos e correções de exercícios mecânicos e sem significado são pouco produtivos e poderão levar a criança ao fracasso escolar, segundo Ciasca (2010). Por este motivo é importante que a escola e o professor estejam atentos, capacitados e dispostos a promover a educação desta criança com práticas pedagógicas significativas que favoreçam o desenvolvimento e aprendizagem.

Para Luckesi (1995, p.112) o planejamento é uma tarefa de multidisciplinar que tem por objeto a organização de um sistema de relações lógicas e psicológicas dentro de um ou vários campos do conhecimento, de tal modo que se favoreça ao máximo o processo ensino-aprendizagem. É preciso que as professoras sejam empenhadas no processo do planejamento, elaborando aulas que facilite a aprendizagem tanto dos alunos com TDAH quanto os que não apresentam o transtorno.

Quando falamos em desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo nos remetemos ao conceito de Vygotsky, onde no sujeito – no caso, na criança – a aprendizagem ocorre por meio do convívio com outro sujeito mais experiente, podendo este sujeito ser o professor ou não. Segundo Vygotsky (1994), o conceito de desenvolvimento está completamente atrelado ao processo de aprendizado dos indivíduos, de modo que o aprendizado da criança começa muito antes dela frequentar a escola e estende-se às práticas sociais nas quais toma parte.

A partir do convívio social, e as interações estabelecidas entre os indivíduos e o meio onde está inserido que a aprendizagem é desenvolvida, mesmo as habilidades individuais sendo distintas, e cada criança avança em seu próprio ritmo. Esta interação se constitui uma troca de experiências positiva e favorecedora da aprendizagem. Neste sentido, Libâneo (1998, p.29) afirma que o professor medeia à relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. O conhecimento de mundo e o conhecimento prévio do aluno tem de ser respeitado e ampliado.

Para Vygotsky (1996, p. 97), Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente. O processo de desenvolvimento e aprendizagem na ZDP é indissociável, pois é durante a aprendizagem na ZDP que criança que ela aprende ainda mais, levando cada

vez mais a outra aprendizagem. É na zona de desenvolvimento proximal que a interação, o contexto cultural e a mediação que o ensino aprendizagem acontece. Conforme a afirmação abaixo:

a aprendizagem desperta uma série de processos evolutivos internos capazes de operar apenas quando a criança está em interação com as pessoas de seu meio e em cooperação com algum semelhante. Uma vez que estes processos tenham se internalizado, tornam-se parte das conquistas evolutivas independentes das crianças. [...] (VYGOTSKY, 1937, apud ANTUNES, op cit).

Desta forma, a escola como uma instituição formadora ao receber os alunos com TDAH não pode apenas colocá-los dentro da sala de aula, fazendo-os se adequarem as regras impostas. É necessário que a escola busque recursos para a inserção eficiente destes alunos na sala regular de ensino, como também os professores devem ser capacitados para transformar sua prática educativa para facilitar a aprendizagem destes alunos no processo de escolarização. A formação continuada para o professor, é uma ação importante, pois com conhecimentos bem estruturados o professor poderá promover um trabalho pedagógico adequado às dificuldades da criança com TDAH, levando em consideração a especificidade de cada criança.

Entendemos que o professor tem uma importância significativa nesse processo de aprendizagem. São os professores que, na maioria das vezes, orientam os pais dos alunos para buscarem o diagnóstico. A criança com TDAH também pode apresentar dificuldade em se relacionar com as outras crianças, por não controlar seus impulsos e hiperatividade, não respeitar as regras de uma brincadeira, ou não saber esperar a vez do outro, por exemplo. Então se fará necessário que o professor atue também como mediador desta relação de modo que a criança não seja rotulada e isso venha a interferir no seu aprendizado, mas também não permitindo que ela faça tudo o que desejar, justificando suas ações com o transtorno que ela apresenta.

É pertinente repensar os processos de ensino, tornando o planejamento do docente aberto e reflexivo, a fim de alcançar a aprendizagem individual dos alunos. É importante que o professor que tenha na sala de aula uma criança com TDAH, planeje sua aula de maneira estruturada, de forma que promova a interação entre todo o grupo em sala de aula e utilizando

recursos que atraia a atenção desta criança para o que esta sendo trabalhado. Benczik e Bromberg (2003, p. 209) ilustram a questão estrutural e composicional da aula:

1) Estabelecer uma rotina diária clara, com períodos de descanso definidos. Usar reforços visuais e auditivos para definir e manter essas regras e expectativas, como calendários, cartazes e músicas. As instruções devem ser dadas de forma direta, clara e curta. 2) Estabelecer consequências razoáveis e realistas para o não cumprimento de tarefas e das regras combinadas [...] 3) Focalizar mais o processo (compreensão de um conceito) que o produto (concluir 50 exercícios. Certificar-se que as atividades são estimuladoras e que os alunos compreendem a relevância da lição. 4) Adotar uma atitude positiva, como elogios e recompensas para comportamentos adequados.

Entretanto, estas práticas não são suficientes frente às dificuldades de aprendizagem, que o aluno com TDAH pode apresentar, desde situações leves e transitórias até situações mais graves e persistentes que requerem o uso de recursos especiais para a sua solução. Outra dica é levar em consideração também individualidade de cada criança, por apresentar diferentes ritmos de aprendizagem, o que leva o professor ao desafio de gerenciar o conhecimento em sala de aula, respeitando as diferenças e atendendo para as dificuldades com metodologias educacionais adequadas, com possíveis adequações curriculares.

Estas adequações devem ser realizadas pelo professor e destinam-se principalmente, à programação das atividades da sala de aula, focalizando a organização e os procedimentos didático-pedagógicos que destacam o como fazer, a organização temporal dos componentes e dos conteúdos curriculares de modo que favoreça a efetiva participação e integração do aluno com TDAH, bem como a sua aprendizagem, pois as adequações no nível da sala de aula visam a tornar possível a real participação do aluno e a sua aprendizagem eficiente no ambiente da escola regular, considerando a organização do tempo, de modo a incluir as atividades destinadas ao atendimento especializado realizado em contra turno, muitas vezes necessários e indispensáveis ao aluno.

Ao definir a essência da atividade docente profissional, Trojan (2008) explica que o processo de ensino e aprendizagem envolve conhecimentos teóricos e práticos, pois, sendo uma atividade intencional exige do professor

conhecimentos, proposição de objetivos, planejamento, intervenção e avaliação para atingir sua finalidade, que é a formação humana em determinado contexto social. Ele enfatiza a importância da articulação entre teoria e prática, e destaca o estágio como atividade teórica e meio de aproximação com a prática. Entende-se, assim que, o projeto idealizado teoricamente se realizará na atividade prática propriamente dita. Portanto, o educador deve fazer a ponte entre a teoria e a prática; e deve refletir sobre seu papel na constituição do conhecimento de seu aluno e sobre a forma de desenvolver seu trabalho.

Para isto, é de suma importância que o professor tenha formação adequada para obter orientações nas estratégias em sala de aula e conhecimentos bem estruturados para promover um trabalho pedagógico adequado às dificuldades da criança com TDAH. Porém uma das dificuldades para esta formação é a ausência de Políticas Públicas Oficiais, em âmbito Federal, para pessoas com TDAH, pois no que se refere à educação de crianças e adolescentes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, não existe no Brasil legislação específica sobre o assunto (NAVAS, 2013). A resolução CNE/CEB nº 04/2009, que determina diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado, não inclui as dificuldades ou transtornos de aprendizagem em seu público-alvo; da mesma maneira, a resolução CNE/CEB nº 02/2001 não versa especificamente sobre o TDAH ou transtornos específicos de aprendizagem.

1. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa descritiva, no sentido de considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito pesquisado. Esse tipo de pesquisa proporcionou que os objetivos fossem alcançados na medida em que permitiu observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos a partir do significado que as participantes dão às suas ações. Sendo assim, essa metodologia permitiu traduzir e interpretar as opiniões e informações transmitidas pelos entrevistados, obtendo uma melhor classificação e análise desses dados.

Segundo os autores Cervo, Bervian e Da Silva (2007, p.61), o modelo de pesquisa qualitativa descritiva permite, conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto individualmente como em grupo e/ou de comunidades mais complexas. É nesse sentido que acreditamos relacionar os dados obtidos da pesquisa com as situações vivenciadas no momento da pesquisa e na troca de experiências. Este modelo de pesquisa é desenvolvido principalmente por pesquisadores na área de ciências humanas e sociais por abordarem dados e problemas a partir de sua dinâmica e processos.

Devido ao curto tempo para aplicação e análise dos dados escolhemos como técnica de pesquisa a utilização de questionário, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 201), proporciona respostas mais rápidas e precisas, maior liberdade nas respostas, em razões do anonimato e menos risco de distorção pela influência do pesquisador.

A segunda técnica de pesquisa escolhida foi a observação não participante, que segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 193), presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático.

Para a coleta dos dados, primeiramente buscamos na Secretaria de Educação do Recife as escolas que tinham crianças com TDAH, onde foi nos dado apenas duas escolas municipais. A coleta foi realizada em três escolas da cidade do Recife, duas municipais e uma privada. As duas escolas públicas localizam-se no bairro de casa amarela, de onde participaram uma professora de cada escola, ambas lecionam no primeiro ano do ensino fundamental.

Através de conhecimento particular conseguimos encontrar uma escola da rede privada de ensino, que tinha na educação infantil duas crianças em salas diferentes com TDAH, e uma no primeiro ano do ensino fundamental, onde podemos realizar a entrevista com mais três professoras. A Escola da Rede Privada de ensino localiza-se no Bairro das Graças na Cidade do Recife, as três professoras participantes desta mesma escola lecionam na Educação

Infantil. Todas as participantes, tem estudantes com TDAH nas suas salas de aula do ensino regular.

As cinco participantes dessa pesquisa, aqui serão nominadas como ALICE, BIANCA, CAMILA , DIANA e ELISA. De modo geral, têm de cinco a quinze anos de atuação como profissionais de educação e possuem nível superior de escolaridade, três ainda possuem pós-graduação e estão sempre em busca de novas especializações. Foi realizada um questionário semi estruturado contendo oito perguntas, cujo modelo constará no anexo deste trabalho, porém devido a dificuldade com prazos selecionamos apenas quatro questões para serem analisadas.

Depois de nos apresentar, e apresentar o objetivo de nossa pesquisa entregamos em mãos o questionário, as professoras responderam durante o intervalo entre as aulas. Em seguida foram marcadas as observações em sala de aula de acordo com a disponibilidade da escola e de cada professora em particular. Em cada turma, foram feitas três observações, com duração de três horas e meia a quatro horas. Ficamos em sala, sem interferir nas atividades realizadas, apenas observando o comportamento da criança com TDAH, seu relacionamento com o grupo e com a professora, bem como a pratica docente mediante a realidade do dia a dia.

As observações foram feitas dentro da sala de aula, com duração de três horas em cada dia, com o objetivo de comparar as respostas das professoras, referente ao seu conhecimento sobre o TDAH, sua interação com o aluno, a interação da criança com TDAH com as outras crianças em sala de aula, destacando a principais dificuldades que a crianças apresentava e quais as atitudes tomadas pelas professoras, e principalmente a prática metodológica na construção de conhecimento em sala. Sendo assim, Lüdke; André (1986, p. 26) afirmam que:

A observação é o principal instrumento da investigação. O observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno observado.

A observação nos proporcionou a compreensão e interpretação da fala, dos gestos e dos comportamentos revelados entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, sem dúvida, este recurso nos deu subsídios para melhor compreender e interpretar o objeto de pesquisa, neste caso as práticas pedagógicas que favorecem a aprendizagem de crianças com TDAH.

3. ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados se dividem em dois pontos principais: a respeito do entendimento dos professores sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), e qual metodologia utilizada por elas, facilitam ou não a aprendizagem das crianças com TDAH. A princípio com a coleta de dados através dos questionários foi possível verificar que a maioria das professoras expressa um saber adquirido pela sua práxis e através deste saber que a mediação do conhecimento vai se estabelecer no processo ensino aprendizagem, pois “o saber pedagógico é o saber que o professor constrói no cotidiano de seu trabalho e que fundamenta sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua” (AZZI, 2005, p.43).

3.1 Resultados dos questionários

A primeira questão para as professoras foi como elas entendem o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e obtivemos as seguintes respostas:

Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade. Algo que não vai ser curado, mas que seus efeitos podem ser minimizados de forma que a criança viva de forma a aprender e conviver com todos. (P. ALICE - 2º Ano da EI).

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Transtorno do comportamento impedindo a pessoa de concentrar-se e de realizar as atividades no cotidiano escolar. (P. BIANCA – 2º Ano da EI)

Transtorno de atenção e hiperatividade. O estudante apresentava dificuldade em manter a atenção por não conseguir parar para escutar e interagir. (P. CAMILA – 1º Ano da EI)

A criança com TDAH tem um funcionamento diferente das demais crianças, mas isso não a impede que ela aprenda. O professor é o condutor que possibilita que ela tem capacidade e condições como os outros colegas. Eu entendo o TDAH como uma criança normal, só que ela tem o funcionamento diferente daquele que a gente está acostumada, do funcionamento padrão, mas é uma criança com condições, capacidade, com potencial cognitivo.(P. DIANA – 1º Ano do EF)

O TDAH se resume na criança ser acompanhada de por outra pessoa, além dela. (P. ELISA - 1º Ano do EF)

As respostas expressadas pela maioria das professoras revela um breve conhecimento sobre o TDAH. Elas entendem que o transtorno é comportamental, onde a criança apresenta dificuldades de atenção, o que pode dificultar a aprendizagem, porém existem meios para que estas dificuldades sejam superadas e o professor como mediador deste processo pode possibilitar as condições para a aprendizagem desta criança. Observamos que a primeira resposta da professora ALICE, entende o TDAH como algo que não pode ser curado, mas pode ter seus efeitos minimizados, favorecendo as relações desta criança no meio em que está inserido.

Diferentemente, a professora nominada como ELISA resume que a criança com TDAH necessita de acompanhamento, mas não demonstrou em sua resposta algum conhecimento teórico sobre o Transtorno. Consideramos este fato como um aspecto não facilitador da aprendizagem desta criança, pois a falta de conhecimento impede que o professor encontre meios para promover a aprendizagem do aluno de acordo com suas necessidades. Segundo Muszkat (2012), o professor necessita de conhecimentos teóricos, confrontando seus saberes, suas atuações práticas com novos saberes; caso contrário, a sala de aula poderá se tornar um ambiente de rótulos, uma força restritiva para o desenvolvimento do aluno.

Na segunda pergunta feita às professoras foi se existia alguma dificuldade na aprendizagem das crianças com TDAH que tinham em sala e quais seriam? Elas deram as seguintes respostas:

Na verdade não. O que existia era a dispersão, pois o mesmo estava interessado em brincar e víamos que ele conseguia acompanhar a turma, mas para

iniciar e finalizar as atividades precisava de adulto ao seu lado. (P. ALICE – 2º Ano da EI).

Não. Ele acompanhou o nível de aprendizagem da turma. (P. BIANCA – 2º Ano da EI)

Não. O conhecimento que ele possuía e a aprendizagem eram bem desenvolvidas. O estudante conseguia concluir as atividades sem dificuldades. (P. CAMILA – 1º Ano da EI)

Nem sempre ter o TDAH ele vai ter um problema de aprendizagem. Em alguns casos seja uma questão de comodidade, ou algo associado. Eles muitas vezes tem a cognição preservada. (P. DIANA – 1º Ano do EF)

Ele tem um pouco quando toma os remédios que fica sonolento. (P. ELISA – 1º Ano do EF)

Como podemos observar a professora ALICE afirma que seu aluno com TDAH não apresentava dificuldade na aprendizagem, apenas na realização e conclusão das atividades devido à falta de atenção, que consideramos um fator característico do transtorno que em alguns casos pode dificultar a aprendizagem, mas que pode ser contornado. No caso desta professora sua atitude era de acompanhar de perto para garantir a conclusão da atividade.

Percebe-se na fala da professora CAMILA que ela valoriza o conhecimento já adquirido pelo aluno. Segundo Vygotsky (1994), o conceito de desenvolvimento está completamente atrelado ao processo de aprendizado dos indivíduos, de modo que o aprendizado da criança começa muito antes dela frequentar a escola e estende-se às práticas sociais nas quais toma parte.

Para a professora BIANCA não houve dificuldades e o aluno conseguiu atingir o nível de aprendizagem da turma. Já para ELISA só existiam dificuldades quando o aluno tomava remédio.

Souza (1996) afirma que as dificuldades de aprendizagem aparecem quando a prática pedagógica diverge das necessidades dos alunos. Nesta perspectiva, sendo a aprendizagem significativa para o aluno, este se tornará mais interessado, menos bloqueado, mais criativo, mais flexível e a aprendizagem se tornará conquista significativa para o aluno.

Sobre o atendimento que as professoras prestavam aos alunos com TDAH, questionamos quais estratégias elas utilizavam para melhor atender esse aluno. Algumas professoras relataram que colocavam o aluno próximo dela, outras responderam que separava um momento com ele para realizar um atendimento individualizado. Obtivemos as seguintes respostas:

Com conversas; atendimento individualizado e atividades específicas. (P. BIANCA – 2º Ano da EI)

Com acompanhamento individualizado o tempo todo. (P. CAMILA – 1º Ano da EI)

Acompanhava ele individualmente em algumas atividades que ele apresentasse dificuldades de realizar, colocando ele próximo de mim. (P. DIANA – 1º Ano do EF)

Estou sempre com atividades, nunca deixo ele sozinho e sem exercícios para fazer. (P. ELISA – 1º Ano do EF)

Para três professoras, BIANCA, CAMILA E DIANA, o atendimento individualizado é uma forma que elas utilizam para acompanhar de forma mais específica as dificuldades que seus alunos com TDAH apresentem. Já a professora Alice buscava informações tanto da família como também dos profissionais que pudessem ajuda-la.

Com mediação da família, escola e profissionais de apoio como, psicóloga e psicoterapeuta. (P. ALICE – 2º Ano da EI)

Compreendemos que é de suma importância que o professor esteja sempre buscando formas, métodos que auxiliem na sua prática docente, possibilitando assim que seu aluno com TDAH faça parte do processo de aprendizagem e que não fique a margem por ter transtorno neurológico. Pois a reflexão da prática pedagógica gerará uma modificação na ação educativa e pode aprimorar as condições do processo ensino-aprendizagem, uma vez que o educador se comprometa com o aprendizado do educando (LUCKESI, 1995).

Mediante a este contexto questionamos sobre as dificuldades que elas tinham na prática docente, apresentaram as seguintes respostas:

A falta de concentração atrapalhou bastante o seu andamento pedagógico, pois o mesmo desviava sua atenção pegando objetos de seu interesse. (P. ALICE – 2º Ano da EI)

Senti necessidade de uma maior orientação na condução dos trabalhos junto a ele e de um profissional acompanhando. (P. BIANCA – 2º Ano da EI)

Inquietação, dificuldade de resolver conflitos, desafiador com os adultos, dificuldades em lidar com as frustrações. (P. CAMILA – 1º Ano da EI)

Diante de uma turma de 26 alunos onde alguns precisarem de uma atenção mais específica, gera um pouco de dificuldades sim. Isso acaba impedindo de dá uma atenção maior ao grupo. Também existe o tempo pedagógico, uma demanda e tem um número de aluno, e tem que adequar. (P. DIANA – 1º Ano do EF)

Não existem dificuldades. (P. ELISA – 1º Ano do EF)

A professora DIANA, assume que sua maior dificuldade esta em conciliar as atenções em sala de aula para o aluno com TDAH que exige uma olhar cuidadoso e o grupo que também necessita de sua atenção e cuidado. Além disso os sobrecargos e demandas do dia a dia impedem um cuidado minucioso para este aluno. Para a professora ELISA não existe dificuldades. Pois, acreditamos que pela falta de formação sobre o transtorno ela não tenha uma apropriação da teoria sobre o TDAH e isso acabe refletindo na sua prática. Muitas das vezes transferindo os cuidados para uma estagiária.

Pelas afirmativas, as professoras ALICE e CAMILA, remetem as dificuldades da sua prática apenas à inquietação e falta de atenção do aluno, porém podemos considerar que estes fatores são característicos do aluno que tem TDAH. As práticas docentes devem perpassar por estas dificuldades do aluno afim de ajuda-lo a supera-la. Enquanto a professora BIANCA apresenta uma dificuldade comum entre os docentes, que é falta de orientação pedagógica para a condução do processo de ensino-aprendizagem, muitos professores se sentem despreparados para lidar com aluno que necessitam de

uma maior atenção e em alguns casos, exige uma reestruturação na prática docente em sala de aula. A este respeito Rictcher (2012, p.1) afirma que:

O despreparo docente leva ao fracasso escolar de ambas as partes e, em sua maioria, causa danos emocionais, cognitivos e sociais, pois, se houver uma má compreensão de determinada situação com o estudante com TDAH, ele poderá ficar mais agitado, inquieto e irritado, o que prejudica a comunicação entre professor – estudante - colegas.

Entendemos, a partir da afirmação do autor, a importância de uma formação continuada que auxilie os profissionais da educação a compreender os processos ligados ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, pois é na formação continuada, que o professor deve buscar aprofundar conhecimentos referentes às características do TDAH, como se manifestam nos estudantes, quais seus possíveis comportamentos e aceitações, bem como sugestões de atividades que possam ser realizadas por eles, mediante esforço de ambas as partes.

3.2 Resultado das Observações

No total foram realizadas quinze observações, com duração de três horas cada, sendo três observações para cada turma das professoras participantes, que aqui pretendemos relatar de forma ampla, abrangendo os pontos relevantes para nossa pesquisa. O primeiro é o comportamento apresentado da criança com TDAH em sala de aula; o segundo, nas práticas pedagógicas que podem ser facilitadoras ou não para a aprendizagem destas crianças e o terceiro está relacionado às dificuldades encontradas pelas professoras no cotidiano escolar. Segue em Tabela 1 o resumo das observações:

PROFESSORA	COMPORTAMENTO DO ALUNO	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	PRINCIPAIS DIFICULDADES
ALICE	<ul style="list-style-type: none"> - Levanta-se com frequência - Não atenta para o que acontece na aula - Em alguns momentos quer bater nos colegas 	<ul style="list-style-type: none"> - A professora sempre deixa a auxiliar da turma próximo dele - Auxílio para fazer as atividades (que não eram diferenciadas das dos colegas) 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de Atenção - Realização das atividades - Interação com os colegas

BIANCA	<ul style="list-style-type: none"> - Brincadeiras excessivas com os colegas - Disperso nas atividades - Chora por qualquer motivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizava as atividades respeitando o humor do aluno - Em alguns momentos realizava atividades diferenciadas - Ajustava o cronograma para atender individualmente 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de Atenção - Emocional
CAMILA	<ul style="list-style-type: none"> - Inquieto na sala - Desafia o adulto que lhe chama a atenção - Bate nos colegas - Perde a atenção com objetos 	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre realizava as mesmas atividades dos demais colegas - Acompanhava quando possível a realização das atividades de perto - Chamava a atenção do aluno buscando trazê-lo para perto 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de Atenção - Respeitar o espaço do outro - impulsividade - Interação com os colegas
DIANA	<ul style="list-style-type: none"> - Dispersão - Levanta-se com frequência para ir até a lousa e nas mesas dos colegas - Inquieto 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizava atividades iguais - Momentos específicos realizando atividades diferentes - Sentava-o próximo para acompanhar as atividades 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de Atenção - Interação com os colegas - Impulsividade
ELISA	<ul style="list-style-type: none"> - Tranquilo na sala de aula - Introverso - Não presta a atenção ao que a professora explica - Não consegue realizar as atividades no mesmo tempo que os colegas 	<ul style="list-style-type: none"> - A professora não apresentou nenhuma prática diferenciada com este aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de Atenção

Tabela 1: Diário de Campo – Resumo das Observações

Na observação da prática pudemos perceber que o comportamento apresentado por cada aluno diagnosticado com TDAH reflete características comuns entre si, como a falta de atenção, a dispersão em momentos de atividades, alguns se mostram impulsivos e com dificuldade no relacionamento com os colegas em sala de aula, e isto pode dificultar no processo de aprendizagem, como Teixeira (2011) ressalta que o educando com o sintoma de desatenção comete erros por descuido, tem dificuldades em concentrar-se por longo período de tempo ou em atividades que lhe exijam atenção. Além disso, esquece-se facilmente das coisas e, ainda, em dadas ocasiões, não

parece ouvir o que os outros falam, bem como não mantém seus pertences organizados.

O aluno que apresenta as características mais diferenciada dos demais é o da professora ELISA, pois ao contrário dos outros ele é calmo, mantém um bom relacionamento com os colegas, sua única dificuldade está na atenção e realização das atividades, neste caso poderíamos concluir que este aluno não apresenta hiperatividade como contém em seu diagnóstico, mas sim o Transtorno de Déficit de Atenção.

Foi possível observar que as práticas pedagógicas das docentes aparentemente não apresentavam embasamento teórico específico para trabalhar com os alunos com TDAH, os conteúdos eram transmitidos de igual forma para todos, ambas em nenhum momento utilizou algum recurso diferenciado para atrair a atenção do aluno para o que estava sendo trabalhado em sala de aula. As práticas se baseiam em acompanhar a realização das atividades, sentá-los próximos de sua mesa na tentativa de conter seus impulsos, e em alguns momentos mantinham um atendimento específico com conversas ou explicação de alguma atividade. Embora sejamos conscientes da distância entre a teoria e a prática, é indispensável que a prática pedagógica seja o reflexo da teoria, como diz Luckesi (1995, p.43), teoria e prática, apesar de serem abstratamente distinguíveis, formam uma unidade na ação para a transformação.

Um outro ponto que podemos observar foi planejamento executado nas aulas não apresentavam atividades direcionadas para incluir e potencializar a participação do aluno com TDAH que estava em sala de aula. Neste contexto podemos destacar a importância do planejamento na prática docente, como afirma Luckesi (1995, p.112) o planejamento é uma tarefa de multidisciplinar que tem por objeto a organização de um sistema de relações lógicas e psicológicas dentro de um ou vários campos do conhecimento, de tal modo que se favoreça ao máximo o processo ensino-aprendizagem.

Diante disto, consideramos indispensável que as práticas pedagógicas que estão presentes desde o planejamento até a execução do mesmo em sala de aula seja repensada de forma que facilite a aprendizagem da criança com

TDAH; porém, se a escola não o apoia ou não lhe dá subsídios pelos quais possa ser cumprido o objetivo, o esforço e trabalho até então alcançados regridem ou paralisam, não chegando a um progresso desejado.

Segundo Benczik e Bromberg (2003, p. 204) a escola que melhor atende as necessidades das pessoas com TDAH é aquela cuja preocupação maior está em desenvolver o potencial de cada um, respeitando as diferenças individuais, reforçando os seus pontos fortes e auxiliando na superação dos pontos fracos, pois eles precisam de apoio e intervenção psicopedagógica mais intensos. Por este motivo é importante que a escola disponibilize formação continuada e promova reuniões em que seus profissionais possam socializar experiências, contribuindo, de forma significativa, para a didática do professor, incentivando-o e dando-lhe suporte em sua caminhada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados investigados nesta pesquisa foi possível perceber que as professoras sabem a respeito do transtorno e tem seus próprios meios de lidar com as crianças com TDAH na sala de aula. Porém, foi possível observar que o conhecimento a respeito dos sintomas e comportamentos do transtorno pode ser aprofundado para que possam encontrar subsídios concretos que contribuam em suas práticas pedagógicas e proporcione a este aluno uma aprendizagem consolidada.

Para isto é fundamental que o professor tenha um novo olhar sobre o espaço de sala de aula, compreendendo a importância do seu papel ativo em relação aos processos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os seus alunos, especialmente aqueles que apresentam maiores dificuldade, para que possa romper com a tradição de apontar os limites para justificar o fato de que determinados alunos não aprendem. Como afirma Duarte (1996), ao compreender a educação escolar como produtora do desenvolvimento, o educador pode se envolver com a tarefa de descobrir as melhores formas de se produzir um desenvolvimento “ótimo”, selecionando o que dos conteúdos historicamente produzidos encontra-se a cada momento do processo pedagógico, na zona de desenvolvimento próximo. Esta compreensão é

fundamental já que “se o conteúdo escolar estiver além dela, o ensino fracassará porque a criança é ainda incapaz de apropriar-se daquele conhecimento e das faculdades cognitivas a ele correspondentes. Se, no outro extremo, o conteúdo escolar se limitar a requerer da criança aquilo que já se formou em seu desenvolvimento intelectual, então o ensino torna-se inútil, desnecessário”. (DUARTE, 1996, p. 98).

Com isto, consideramos que neste processo é imprescindível que a escola e o professor, assim como os pais, estejam comprometidos em proporcionar o melhor para esse estudante, vendo-o não apenas como um objeto de trabalho, mas como um indivíduo desafiante e portador de grandes potencialidades, e que as práticas sejam repensadas com o objetivo de facilitar a aprendizagem daqueles que apresentam necessidades educacionais e comportamentais específicas, de acordo com Luckesi (1995, p.46):

um educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. E cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que esta fazendo e para onde possivelmente esta encaminhando os resultados da sua ação.

Em suma, para que a aprendizagem da criança com TDAH seja garantida com qualidade independente de suas necessidades e especificidades é necessário que a escola, os professores e todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem aprofundem seus conhecimentos quanto ao transtorno com seriedade, para que as ações e práticas sejam direcionadas de forma coerente e eficaz, pois quando a escola e a família trabalharem juntas em função da superação dos distúrbios causados pelo TDAH, o tratamento os resultados serão gradativamente satisfatórios.

5. REFERÊNCIAS

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. et al. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 35-60.

BARKLEY, R. A. (2002) **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

BASSEDAS, E., HUGUET, T., MARRODÁN, M., OLIVÁN, M., PLANAS, M., ROSSELL, M., ET AL **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**(3 ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médica, 1996.

BENCZIK, Edileyne Bellini Peroni; BROMBERG, Maria Cristina. **Intervenções na Escola**. In: MATTOS, Paulo; ROHDE, LUÍS Augusto. **Princípios e Práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução CNE/CEB 02/2001 de 11 de setembro de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Resolução CNE/CEB 04/2009, de 02 de outubro de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

LAKATOS, EVA MARIA. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LUDCKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EDUP, 1986.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação e aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

MATTOS, Paulo; ROHDE, Luis Augusto. **Princípios e Práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MUSZKAT, Mauro; MIRANDA, Mônica Carolina; RIZZUTTI, Sueli. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: Cortez, 2011.

NAVAS, Ana Luiza. **Políticas públicas educacionais no Brasil ignoram crianças com transtornos do déficit de atenção e com transtornos de aprendizagem**. (2013). Disponível em: Acesso em 05/03/2015.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da Pesquisa: a bordagem teórico prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

RICHTER, Bárbara Rocha. **Hiperatividade ou indisciplina? – O TDAH e a patologização do comportamento desviante na escola.** Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

ROHDE, Luís Augusto P.; BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção Hiperatividade: O que é? Como ajudar?.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TROJAN, R. M. Teoria e prática na formação docente: estudo das políticas educacionais brasileiras e cubanas. **Práxis Educativa**, UEPG, v.3, n. 1, p. 29-42, jan.- jun. 2008.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.